

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE EMPREENDEDORES DO ENSINO TÉCNICO

Shirlei Paques Pereira*, Roberto Kanaane

*E-mail: shipaques@gmail.com

Centro Paula Souza, Brasil

DOI: 10.15628/rbept.2020.8841

Artigo submetido em jul/2019 e aceito em mar/2020

RESUMO

O empreendedorismo representa uma alternativa para alavancar a inclusão social e econômica de um país. Este artigo propõe a análise e reflexão a partir de Lenzi (2008) sobre as dez competências empreendedoras e os relatórios *Global Entrepreneurship Monitor - GEM* (2016; 2017; 2018). Os relatórios do Fórum Econômico Mundial – WEF/FEM (2016-2017; 2018-2019) apresentam dados sobre a competitividade mundial. Adotou-se a técnica de observação sistemática e aplicação de questionário quantiquantitativo, estruturado de acordo com os tópicos: dados pessoais, formação acadêmica, profissionais e comportamentais, destinado a 100 egressos dos cursos técnicos modulares de uma escola técnica estadual da cidade de São Paulo. Os resultados sinalizaram que a educação profissional sob a perspectiva socioeconômica e cultural na construção de valores, é fator essencial no desenvolvimento de competências empreendedoras nos egressos de nível médio.

Palavras-Chave: Empreendedorismo. Educação Profissional. Competências Empreendedoras. Cursos Técnicos Modulares.

PROFESSIONAL EDUCATION AND CONTRIBUTIONS TO TRAINING TECHNICAL EDUCATION ENTREPRENEURS

ABSTRACT

Entrepreneurship represents an alternative to leverage a country's social and economic inclusion. This article proposes the analysis and reflection from Lenzi (2008) on the ten entrepreneurial skills and the reports *Global Entrepreneurship Monitor - GEM* (2016; 2017; 2018). The reports of the World Economic Forum - WEF / FEM (2016-2017; 2018-2019) present data on global competitiveness. We adopted the technique of systematic observation and application of a quantitative and qualitative questionnaire, structured according to the topics: personal data, academic, professional and behavioral training, aimed at 100 graduates from modular technical courses at a state technical school in the city of São Paulo. The results signaled that professional education from a socioeconomic and cultural perspective in the construction of values is an essential factor in the development of entrepreneurial skills in high school graduates..

Keywords Entrepreneurship. Professional Education. Entrepreneurial Skills. Modular Technical Courses.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo está associado à ideia de ousadia individual ao assumir riscos calculados em um novo negócio. Os empreendedores, ao se destacarem, podem ser considerados líderes pelos seus colaboradores, pois sabem reconhecer, valorizar, recompensar e estimular um grupo de trabalho. O tema empreendedorismo está em evidência, entretanto, desde a Idade Média, é possível reconhecer características do indivíduo empreendedor como aquele que gerenciava projetos de produção e segundo Dornelas (2018; p.2), “esse indivíduo não assumia riscos, apenas gerenciava os projetos, utilizando os recursos disponíveis, geralmente provenientes do governo do país”.

A partir das inovações tecnológicas que disseminaram, a produção do conhecimento a serviço da sociedade e das organizações, surge a necessidade de um empreendedor capaz de enfrentar as barreiras da competitividade. Segundo Schumpeter (1934;1997), este indivíduo pode ainda criar novos negócios, mas pode também, inovar nos negócios em empresas já existentes, expressando suas competências intraempreendedoras.

De acordo com o pensamento de Schumpeter (1934;1997), a figura do empreendedor é concebida como o indivíduo autônomo com função dirigente, que produz por iniciativa própria, se envolvendo com a tomada de decisões. O autor ainda conceitua o termo empreendedorismo com foco na destruição econômica para a construção de novos recursos, produtos e serviços.

Dornelas (2018), baseando-se em Schumpeter (1934;1997), afirma que devido às mudanças econômicas se faz necessária a capacitação de indivíduos a empreendedores que saibam reconhecer a oportunidade de um novo negócio, ou mesmo na visão de intraempreendedores que saibam definir parâmetros e condições destinadas à melhoria de um negócio já existente.

Para López-Ruiz (2007, p. 21), Schumpeter compreende o empreendedor como “aquele que reconhece na concorrência entre homens e empresas, uma oportunidade para a realização da sua vontade de domínio”. Desta maneira, o autor salienta que o empreendedor “deve exercer o seu papel o tempo todo, em qualquer lugar”.

Para Dornelas (2018), algumas características são atribuídas aos empreendedores, sendo elas: visionários (visão de futuro); tomadores de decisões na hora certa; diferenciadores, agregando valor aos serviços e produtos que colocam no mercado; proativos ao máximo das oportunidades; determinados e dinâmicos; dedicados e incansáveis pelo trabalho; otimistas e direcionados ao que fazem; independentes e construtores do próprio destino; convictos que os resultados financeiros são consequências do retorno de seus negócios; líderes e formadores de equipes; gestores bem relacionados (networking); organizadores que sabem planejar; ávidos por aprendizagem contínua; enfrentadores de riscos calculados que criam valor para a sociedade com geração de empregos, perseverantes e criativos,

considerando fatores econômicos na busca de soluções inovadoras para melhorar a sociedade.

Em face do exposto, tem-se o cenário empreendedor brasileiro, como crescente expectativa entre as escolas de Educação Profissional a respeito do tema, dada a importância da criação de cursos e disciplinas específicas e transversais ao empreendedorismo, direcionadas aos jovens profissionais, percebidos como potenciais empreendedores em suprir as demandas e desafios do mercado de trabalho.

Desta forma, sob o enfoque da pesquisa quantiqualitativa aplicada, tem-se como objetivo geral: Identificar as competências empreendedoras nos egressos dos cursos técnicos modulares de uma escola pública estadual, e como objetivo específico: Compreender as competências empreendedoras apontadas por Lenzi (2008), e sinalizadas nos relatórios GEM - *Global Entrepreneurship Monitor* (2016; 2017; 2018)) e WEM/FEM - Fórum Econômico Mundial (2016-2017; 2018-2019) a respeito da competitividade do Brasil e do perfil do empreendedor brasileiro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O aporte teórico que subsidiou o artigo trouxe à tona, entre outros pontos, concepções associadas a educação profissional, empreendedorismo, atitudes e competências empreendedoras que se relacionam direta e/ou indiretamente ao comportamento empreendedor e o estudo realizado por Lenzi em 2008 sobre as 10 competências empreendedoras.

Lenzi (2008) concebeu as dez competências empreendedoras em 3 conjuntos, sendo eles: a) Conjunto de Realização que compreendem as competências individuais relacionadas à Busca de Oportunidades e Iniciativa (BOI), Correr Riscos Calculados (CRC), Exigências de Qualidade e Eficiência (EQE), Persistência (PER) e Comprometimento (COM); b) Conjunto de Planejamento correspondendo às competências individuais de Busca de Informações (BDI), Estabelecimento de Metas (EDM) e Planejamento e Monitoramento Sistemáticos (PMS), e, c) Conjunto do Poder referindo-se às competências individuais de: Persuasão e Rede de Contatos (PRC) e Independência e Autoconfiança (IAC). A nomenclatura conceitua o que cada conjunto representa, ou seja, existem as competências para realizar ações, desenvolver atitudes e, manifestar comportamentos empreendedores.

Schumpeter (1934;1997) enfatiza que as novas necessidades dos consumidores são percebidas como uma força independente, que surge de maneira espontânea, modificando economicamente a situação presente, por meio de novas combinações de oferta de meios produtivos existentes. Neste contexto sobre desenvolvimento da competitividade, Schumpeter sinaliza que:

é o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados por ele, se necessário, são, por assim dizer, ensinados a querer coisas novas ou coisas que diferem em um

aspecto ou outro daquelas que tinham o hábito de usar. SCHUMPETER (1994;1997; p. 76)

As novas combinações de meios produtivos, ainda conforme Schumpeter (1934;1997) podem ser entendidas como o fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico, concebido como a definição de empreendimento, sendo o indivíduo que coloca essa ação em prática, conhecido como empresário, não somente como homem de negócios independente, em uma economia de trocas, mas também dependente de uma companhia com a principal função de controlar a maioria das atitudes corporativas.

A partir da teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter (1934;1997), a definição do termo “homem de negócios” ainda permeia entre os conceitos de empresário e capitalista, independente desse último ser considerado como o detentor do dinheiro, de direitos ao dinheiro ou de bens materiais.

Drucker (2014) compreende que a figura do empreendedor tampouco é um capitalista, embora possa precisar de capital como qualquer atividade econômica, e ainda o descreve:

[...] ele não é um investidor, é claro que ele assume riscos, mas isso também acontece com todos os que se envolvem em qualquer atividade econômica. A essência da atividade econômica é o comprometimento de recursos atuais em expectativas futuras, o que significa incerteza e riscos. O empreendedor também não é um empregador, embora possa ser, e frequentemente o é, um empregado – ou alguém que trabalha sozinho e exclusivamente para si mesmo (DRUCKER; 2014; p. 33).

Diante da necessidade da ação mundial de controle das atitudes competitivas empreendedoras, o relatório do Fórum Econômico Mundial - WEF/FEM (2016-2017) foi direcionado para a urgência do paradigma tecnológico, caracterizado pelo crescimento exponencial da digitalização - a denominada Indústria 4.0 ou *Smart Industry*. Os resultados constataram que a situação política do Brasil, em meio à crise econômica, apresenta queda de produtividade global com maiores obstáculos em alcançar competitividade, resultando em menor sofisticação em seus negócios e baixo grau de inovação, perdendo espaço competitivo internacional com o distanciamento significativo dos demais países dos grupos: BRICS (agrupamento dos países emergentes no desenvolvimento econômico: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e G20 (Fórum informal de cooperação e consulta sobre diversos assuntos financeiros internacionais constituído por representantes de dezenove países e da União Europeia).

Conforme dados do WEF/FEM (2016-2017), traduzidos em parceria com a FDC - Fundação Dom Cabral em 2016, o Brasil apresentou queda de 6 posições no *ranking* que avalia a competitividade dos 138 países participantes, alcançando no ano de 2016 a 81ª colocação. Para os especialistas que avaliaram o *ranking*, o país enfrenta a deterioração de fatores básicos para a

competitividade, como por exemplo: a confiança nas instituições, o balanço das contas públicas e os fatores de sofisticação dos negócios correlacionados à capacidade de inovar frente às megatendências do mercado em meio à quarta revolução industrial e a tímida participação da educação brasileira empreendedora neste processo.

O relatório mais recente WEF/FEM (2018-2019) aponta que o mundo enfrenta desafios econômicos, sociais e ambientais transformadores e oriundos da Indústria 4.0, dessa forma, emergindo a necessidade de se investir em pessoas. Para os analistas do relatório, o investimento nas pessoas, tem o propósito de preparar os indivíduos com o conhecimento e as habilidades frente às mudanças sistêmicas, assim como para os destacarem como coautores na criação de um mundo mais igual, inclusivo e sustentável.

Sendo assim, segundo os especialistas que avaliaram os resultados do relatório WEF/FEM (2018-2019), a reforma educacional, a aprendizagem ao longo da vida (experiências) e as mais diversas iniciativas de requalificação, serão caminhos fundamentais para garantir que os indivíduos tenham acesso às oportunidades econômicas, permanecendo competitivos no novo mundo do trabalho e, que ao mesmo tempo, as empresas desse novo mundo possam ter acesso ao talento de que necessitam para preencherem seus novos cargos do futuro.

Neste atual contexto econômico, social e político brasileiro, o papel da educação profissional se faz essencial ao determinar o caminho e o foco nas alterações de: modelos econômicos, perfil populacional, produtividade, trabalho e emprego, e principalmente, as novas competências e habilidades sociais e criativas, tais como: a tomada de decisão em situações de incertezas e o desenvolvimento de novas ideias no mercado que, cada vez mais, anseia por inovação.

Para Schwab (2016):

A ruptura que a quarta revolução industrial causará aos atuais modelos políticos, econômicos e sociais exigirá que: os atores capacitados reconheçam que eles são parte do sistema de poderes distribuídos que requer formas mais colaborativas de interação para que se possa prosperar. (SCHWAB, 2016; p. 35).

O relatório GEM (2017), revelou as características da atividade empreendedora brasileira, identificando desde empreendimentos já estabelecidos e líderes em inovação, até empreendimentos iniciais, que embora tradicionais, geram empregos locais. Para o GEM (2017), empreendedor é aquele indivíduo que realizou esforços concretos na tentativa de criação de um novo empreendimento, como por exemplo, uma atividade autônoma, ou uma empresa, seja essa formalizada ou não, bem como a expansão de um negócio já existente. Segundo ainda o relatório, é possível considerar que o empreendedor descreve seu negócio, desde aqueles situados na base simples, focados talvez na sua exclusiva subsistência, como também, em negócios de alto valor agregado e com conteúdo inovativo.

Dados do GEM (2018), citam que 38% dos brasileiros estão envolvidos

com alguma atividade empreendedora, isso significa que 51,9 milhões de pessoas, de 18 a 64 anos têm um negócio ou estão envolvidos na criação de um. O relatório aponta a renda média dos empreendedores iniciais com mais de 3 salários mínimos (30%); a participação dos mais jovens (18 a 24 anos) entre os empreendedores iniciais está em 22,2% e a participação dos empreendedores com ensino superior completo está em torno de 10%.

Na análise de especialistas do GEM (2018), o relatório apresenta pontos positivos, como por exemplo: a vocação do brasileiro para empreender e a dinâmica do mercado brasileiro (oportunidades de negócio). Entretanto, pontos negativos também são citados, tais como: programas e políticas governamentais limitantes (muita burocracia e legislação tributária complexa); a escassez de apoio financeiro (em especial para empreendimentos iniciais) e a precariedade do sistema educacional básico.

Educação e capacitação foram citados por 42,5% dos empreendedores, como imprescindível em ampliar os programas de ensino de empreendedorismo, aumentando o escopo de atuação desde os níveis mais básicos de educação até os níveis mais elevados (ensino superior e pós-graduação), bem como a necessidade de se criar programas diferenciados para trabalhar o desenvolvimento de comportamentos, técnicas, habilidades e competências nos mais diferentes setores da economia.

Neste sentido, a partir da percepção das competências que permeiam o indivíduo empreendedor, é importante ressaltar o estudo e contribuições de Lenzi (2008), o qual elencou as dez competências empreendedoras baseadas na pesquisa de Cooley (1990), também conhecidas como competências empreendedoras que definem e caracterizam o comportamento empreendedor.

De acordo com o relatório WEF/FEM (2018-2019), espera-se que 75 milhões de empregos sejam deslocados até 2022. Ao mesmo tempo, avanços tecnológicos e novas formas de trabalho também poderão criar 133 milhões de novos papéis, impulsionados pelo crescimento em larga escala de novos produtos e serviços que permitirão às pessoas trabalharem com máquinas e algoritmos para atender às demandas de mudanças demográficas e econômicas oriundas da Indústria 4.0.

Partindo dessa realidade de contexto globalizado, e principalmente, com base nas mudanças na relação do trabalho, oriundas da quarta revolução industrial, Schwab (2016) adverte quanto aos impactos sobre as economias em desenvolvimento com efeitos tais como: mudanças nas expectativas dos consumidores, melhora nos produtos e na produtividade dos ativos, formação de novas parcerias e colaboração e modelos operacionais sendo transformados em modelos digitais.

Assim, segundo Schwab (2016), é fundamental que as pessoas percebam a importância do seu trabalho e que suas competências sejam coincidentes às demandas do mercado, pois: a capacidade do empreendedor em continuar a aprender, adaptar-se e desafiar seus próprios modelos conceituais e operacionais de sucesso, é o que irá distinguir a próxima geração de líderes comerciais bem-sucedidos na sociedade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo focalizou a pesquisa exploratória, a análise bibliográfica e os relatórios institucionais. Optou-se pela comparação do referencial de Lenzi (2008) e suas contribuições sobre as dez competências empreendedoras e os dados levantados pelos relatórios GEM (2016, 2017 e 2018) e suas interpretações sobre o empreendedorismo brasileiro.

Adotou-se o método descritivo exploratório, visando apreender elementos relevantes quanto à identificação de competências empreendedoras, de acordo com a percepção dos egressos dos cursos técnicos modulares presenciais de uma escola pública estadual da cidade de São Paulo.

Foi utilizada a técnica de observação sistemática, que segundo Diehl e Tatim (2004; p. 163): “contempla o critério em que o pesquisador - observador não se envolve com o assunto durante a aplicação da pesquisa”.

Por outro lado, utilizou-se como instrumento de pesquisa a aplicação de um questionário quantiquantitativo, estruturado e disponibilizado no formulário gratuito *Google Forms*, com 25 questões sendo: 24 perguntas fechadas no formato de múltipla escolha e 1 pergunta aberta, destinado à amostra de 100 egressos dos cursos técnicos modulares da escolhida escola técnica estadual da cidade de São Paulo.

O questionário estruturado de acordo com os tópicos: dados pessoais, formação acadêmica, profissionais e comportamentais, contemplou a percepção dos respondentes quanto às suas atitudes profissionais e empreendedoras.

A base de dados extraídos da aplicação da pesquisa de campo, possibilitou a elaboração de uma planilha em Excel e após sua devida tabulação, calculou-se os percentuais dos resultados mensurados. A Organização dos dados por meio da seleção, classificação e codificação, possibilitou a interpretação dos resultados sob a ótica da fundamentação teórica, tendo em vista os objetivos propostos neste estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Quadro 1 - Comparativo entre as dez competências empreendedoras propostas por Lenzi (2008) e os relatórios GEM (2016; 2017; 2018), apresenta informações relevantes e determinantes no entendimento do perfil do empreendedor brasileiro.

A comparação possibilitou identificar como as dez competências de Lenzi (2008) são percebidas pelos empreendedores – respondentes nos relatórios GEM (2016; 2017; 2018).

Quadro 1: Comparativo entre as dez competências empreendedoras Propostas por Lenzi (2008) e os relatórios GEM (2016; 2017; 2018)

LENZI (2008) COMPETÊNCIA DO CONJUNTO DE REALIZAÇÃO		RELATÓRIOS GEM
Busca de Oportunidades e Iniciativas (BOI)	Lidera ou executa novos projetos, ideias e estratégias, concebendo, reinventando e produzindo ou comercializando novos produtos e serviços. Toma iniciativas pioneiras de inovação e cria novos métodos de trabalhos, negócios, produtos ou mercados para a empresa. Produz resultado para a empresa na comercialização de produtos e serviços, identificando oportunidade de negócios e captação de mercado.	Brasileiros com idade entre 18-64 anos estão envolvidos com a prática empreendedora em estágio: inicial ou estabelecido - sendo uma maneira de se manterem ativos e sustentáveis diante do quadro de crise político-econômico brasileiro.
Correr Riscos Calculados (CRC)	Avalia o risco de suas ações na empresa e no mercado. Identifica informações pertinentes ao mercado e age para reduzir os riscos. Propõe ações pertinentes ao mercado e corre riscos como desafio pessoal, conquistando retorno positivo para empresa.	A Capacidade Empreendedora dos Brasileiros vem de indivíduos nas 3 faixas de escolaridade abaixo do Ensino Médio completo (Ensino Médio incompleto, Ensino Fundamental completo e Ensino Fundamental incompleto), o que demonstra serem mais ativos do que os indivíduos com formação no ensino superior.
Exigência de Qualidade e Eficiência (EQE)	I nova em suas ações e apresenta qualidade e eficácia nos processos. Satisfaz clientes internos e externos com coerências em suas ações e resultados. Estabelece prazos e cumpre prazos com padrão de qualidade reconhecido por todos.	Empreendedores iniciais cujos negócios contam com CNPJ diferenciam-se positivamente daqueles que não possuem, no caso das seguintes características: novidade do produto/serviço, poucos ou nenhum concorrente, tecnologia com menos de 5 anos e perspectiva de consumidores inclusive no mercado internacional.
Persistência (PER)	Dribla e transpõe obstáculos de forma coerente. Não desiste em situações desfavoráveis e encontra formas de atingir os objetivos. Assume responsabilidade por seus atos e resultados em alcançar objetivos propostos.	Autônomos afirmam que desejam ter seu/ próprio negócio. 74% dos empreendedores iniciais e 56% dos empreendedores estabelecidos atuam no setor de serviços.
Comprometimento	Conclui tarefas dentro das condições estabelecidas previamente e honra	Criatividade e a resiliência são

(COM)	patrocinadores, parceiros internos e externos. Coloca a mão na massa quando necessário e ajuda a equipe concluir o trabalho com disposição para manter e satisfazer clientes internos e externos.	fortes características dos brasileiros. Empreendedores com CNPJ, a maioria iniciais (microempreendedor individual) não possuem nenhum funcionário.
LENZI (2008) COMPETÊNCIAS DO CONJUNTO DE PLANEJAMENTO		RELATÓRIOS GEM
Busca de Informações (BDI)	Vai pessoalmente atrás de informações confiáveis ao projeto. Investiga pessoalmente novos processos para seus projetos ou ideias inovadoras. Consulta pessoalmente, especialista para lhe ajudar quando necessário	No Brasil: Conteúdo de qualidade gratuito na internet, além de eventos e organizações no fomento e apoio ao empreendedorismo tem contribuído para a disseminação do conhecimento. Entretanto, os especialistas citam a educação e capacitação como uma das áreas de intervenção necessária para melhoria das condições de empreendedorismo no país. Programas de capacitação para professores seria importante no acesso das competências empreendedoras de seus alunos
Estabelecimento de Metas (EDM)	Define metas, independente do que é imposto pela empresa. Define metas claras e específicas e entendidas por todos os envolvidos no processo. Define metas mensuráveis e acompanhadas por todos da equipe.	Além da Educação e Capacitação, os especialistas indicam a necessidade de Políticas governamentais e apoio financeiro como condições proporcionalmente mais citadas e limitantes à atividade empreendedora brasileira.
Planejamento e Monitoramento Sistemáticos (PMS)	Elabora planejamento e tarefas com prazos bem definidos e claros. Revisa e adéqua constantemente seus planos, ousado na tomada de decisões, baseando – se em informações e registros para projetar resultados.	Muitos empreendedores procuraram algum órgão público ou privado de apoio ao empreendedorismo. Entre esses empreendedores, a maioria buscou o SEBRAE.
LENZI (2008) COMPETÊNCIAS DO CONJUNTO DE PODER		RELATÓRIOS GEM
Persuasão e Rede de Contatos (PRC)	Influencia outras pessoas para que sejam parceiros em seus projetos, viabilizando recursos necessários para alcançar	A educação e capacitação proporcionam fortalecimento do ecossistema empreendedor formado por incubadoras, aceleradoras, dentre outros organismos. A maioria dos respondentes afirmaram conhecer

	resultados. Utiliza pessoas chave para atingir resultados. Desenvolve e fortalece sua rede de relacionamento interna e externa da empresa.	pessoalmente alguém que começou um novo negócio nos últimos 2 anos. Os especialistas citaram a Lei da inovação e a reforma trabalhista como contribuintes para um mercado menos engessado, mais dinâmico e competitivo.
Independência e Autoconfiança (IAC)	Quebra regras quando necessário para suplantar barreiras e superar obstáculos já enraizados na empresa. Confiante em seu ponto de vista e o mantém mesmo diante às oposições. Confiante nos seus atos ao enfrentar desafios sem medo.	Os especialistas mencionaram os programas desenvolvidos pelas organizações no fomento das atividades de aculturação e capacitação que desenvolvem autoconfiança. A maioria dos respondentes, afirmaram que o medo de fracassar não impediria que comessem um novo negócio, assim como disseram ser primordial terem o conhecimento, habilidades e experiência necessária para iniciar um novo negócio.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, adaptado de: Competências empreendedoras de Lenzi (2008); GEM (2016;2017;2018).

Os dados dos relatórios GEM (2016; 2017; 2018) revelaram que a capacidade empreendedora dos brasileiros advém de indivíduos nas três faixas de escolaridade abaixo do ensino médio completo.

No que concerne ao conjunto de competência: Exigência de Qualidade e Eficiência (EQE), Lenzi (2008) ressaltou que o empreendedor inova em suas ações e apresenta qualidade e eficácia nos processos, estabelece e cumpre prazos mantendo o padrão de qualidade, além de satisfazer clientes internos e externos com coerência em suas ações e resultados. O relatório GEM (2016) apontou que novidades do produto/serviço atraem clientes e que a qualidade destes produtos, serviços e ideias a negócios no Brasil, ainda fica muito aquém em comparação aos dez países mais competitivos, sendo eles: Suíça, Cingapura, Estados Unidos, Holanda, Alemanha, Suécia, Reino Unido, Japão, Hong Kong e Finlândia, em ordem no *ranking* WEF/FEM (2016-2017). Conforme o relatório GEM (2016), o Brasil apresentou a menor proporção sobre inovação (8,1%) em produtos e serviços e do uso de tecnologia (0,6%). A inovação, portanto, como competência, deveria ser debatida e estimulada na educação profissional e no âmbito das empresas e sociedade brasileira.

No conjunto de competência Persistência (PER), Lenzi (2008) enfatiza que o empreendedor “dribla e transpõe” obstáculos de forma coerente. Os relatórios GEM (2016; 2017; 2018) identificaram que empreendedores autônomos, maioria dos respondentes, afirmam que desejam ter seu próprio negócio, muitos deles no setor de serviços. Entretanto, o estudo apresentou que a maioria dos empreendedores brasileiros resiste em oferecer produtos simples, principalmente, voltados ao atendimento das necessidades básicas do mercado interno.

Quanto a competência de Comprometimento (COM), Lenzi (2008) afirmou que o empreendedor precisa saber colocar a “mão na massa” se necessário, além de concluir tarefas dentro das condições previamente estabelecidas entre seus patrocinadores, parceiros internos e externos. Os relatórios GEM (2016; 2017; 2018) apresentaram as características: criatividade e a resiliência como marcantes entre os brasileiros empreendedores.

No Conjunto: Competências de Planejamento, Lenzi (2008) referiu-se a Busca de Informações (BDI) que enfatiza o empreendedor que busca por informações confiáveis ao projeto, investigando novos processos para seus projetos ou ideias inovadoras, assim como, consulta pessoalmente especialistas para lhe ajudar quando necessário. O relatório do GEM (2016) destacou que no Brasil há conteúdo de qualidade gratuito na internet, além de eventos e organizações no fomento e apoio ao empreendedorismo que tem contribuído para a disseminação do conhecimento. Neste sentido, os empreendedores citaram que desenvolver programas de capacitação para professores seria importante e adequado no desenvolvimento das competências empreendedoras de seus alunos. A competência Estabelecimento de Metas (EDM) sinalizada por Lenzi (2008) apontou o saber do empreendedor em definir metas claras e específicas, facilmente compreendidas por todos, independentemente do que é imposto pela empresa. De acordo com os resultados dos relatórios GEM (2016; 2017; 2018), tem-se na Educação Profissional a possibilidade de desenvolver essa competência. Além da Educação Profissional e Capacitações constantes, os especialistas do relatório indicam a necessidade de políticas governamentais e apoio financeiro como condições proporcionalmente mais citadas e limitantes à atual atividade empreendedora brasileira.

No conjunto de competência Planejamento e Monitoramento Sistemáticos (PMS), Lenzi (2008) reforçou que o empreendedor necessita saber além de elaborar um planejamento com tarefas e prazos bem definidos e claros, revisar e adequar constantemente seus planos, sendo ousado na tomada de suas decisões, baseando-se em informações e registros para projetar resultados. Dos empreendedores identificados no estudo GEM (2016), muitos procuraram algum órgão público ou privado de apoio ao empreendedorismo, a fim de obterem maiores informações e segurança para investirem nas áreas de interesse aos seus negócios. Entre esses empreendedores, 66% buscaram o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas).

As competências do Conjunto de Poder referem-se: a) Persuasão e Rede de Contatos (PRC), destacada no relatório GEM (2016) pela importância da rede de contatos, uma vez que 41,3% dos respondentes afirmaram conhecer pessoalmente profissionais que iniciaram um novo negócio nos últimos dois anos. Conhecer pessoas que adotaram a postura empreendedora e ter a oportunidades de ouvi-las e aprender com elas pode inspirar atitudes e práticas empreendedoras e, no Brasil, essa prática é uma constante no acesso à informação acerca do empreendedorismo, por meio, principalmente, de eventos em espaços acadêmicos, organizações sem fins lucrativos, e empresas diversas sob essa temática; b) Independência e Autoconfiança (IAC)

destacada por Lenzi (2008) significa que a insegurança não pode ser confundida com falta de preparo e/ou falta de formação e informação. Dos respondentes dos relatórios GEM (2016; 2017;2018), a maioria afirmou que o medo de fracassar não impediria que começassem um novo negócio, e que possuir conhecimentos, habilidades e experiências são pré – requisitos necessários para iniciar um novo negócio sem medo. Lenzi (2008) apontou que o indivíduo empreendedor necessita ser confiante nos atos próprios para enfrentar os desafios sem medo, e para isso, os estudos do GEM (2016; 2017;2018) destacaram a importância do país em diminuir barreiras processuais para abertura de empresas e manutenção de controles, a fim de acelerar e unificar processos e intensificar programas de capacitação do empresário, com noções financeiras, gestão de pessoas, liderança, inovação, marketing e produção.

O estudo entre as dez competências empreendedoras propostas por Lenzi (2008) e os relatórios GEM (2016; 2017; 2018) permitiu caracterizar e comparar o perfil dos sujeitos da pesquisa de campo de autoria própria (2018), realizada com egressos dos cursos técnicos modulares em: Administração (52%), Eventos (42%), seguidos dos cursos de Eletrônica, Informática e Desenho de Construção Civil (6%), e os empreendedores brasileiros, apresentados nos resultados do Quadro 2.

Quadro 2:. Comparativo do perfil de empreendedores entre a Pesquisa de Campo de autoria própria (2018) e os relatórios GEM (2016, 2017 e 2018).

Pesquisa de autoria própria (2018)	GEM (2016, 2017 e 2018)
Identificação de gênero dos respondentes: feminino (84%) e masculino (16%).	Dados do GEM (2016) revelaram que entre os empreendedores iniciais (nascentes) a proporção de homens e mulheres é praticamente a mesma na atividade empreendedora.
Faixa etária predominante dos egressos dos cursos técnicos modulares:18-25 anos (64%) com status de recém-concluintes ou pós-concluintes do ensino médio.	Quanto ao perfil empreendedor, o relatório GEM (2016) identificou que 43% entre 18-34 anos e 66,6% entre 45-64 anos que buscaram por atualização, principalmente, com foco em recolocação ou manutenção profissional no mercado de trabalho.
<p>Constatou-se que 40% com formação acadêmica de Ensino Técnico de nível médio completo, 34% cursando o Ensino Superior; 21% com Ensino Superior completo e 5% desistente do Ensino Superior.</p> <p>75% dos egressos apontaram que sua formação atual compreendia a área de humanas, 20% optaram pela área de exatas e 5% para a área biológica.</p>	Dados do GEM (2016; 2017; 2018), no cenário sobre o nível de escolaridade dos empreendedores brasileiros, os relatórios apresentaram que não possuíam a formação completa do ensino de nível médio, reforçando a necessidade de qualificação profissional em competências empreendedoras para os indivíduos que necessitam se atualizar a fim de conquistarem segurança no mercado de trabalho, seja por meio de atividades profissionais autônomas ou devidamente registradas em uma empresa.

<p>Dos egressos empregados, 24% responderam que estavam trabalhando em suas próprias empresas como autônomos de suas profissões, o que reflete o resultado da situação sócia econômica brasileira diante da elevada taxa de desemprego, levando o profissional a sair da zona de conforto e colocar em prática suas competências empreendedoras frente aos desafios do mercado de trabalho.</p>	<p>Quanto as ponderações da renda familiar dos empreendedores iniciais e já estabelecidos, a pesquisa GEM (2016) complementa a informação apontando 3 grupos de empreendedores conforme a faixa de renda: a alta (acima de 6 salários mínimos) entre os iniciais (16,7%) e os estabelecidos (21,8%); a intermediária (de 3 a 6 salários mínimos) entre os iniciais (18,9%) e os estabelecidos (22,2%); e, a baixa (abaixo de 3 salários mínimos) entre os iniciais (21,5%) e estabelecidos (19,1%).</p>
---	---

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, adaptado de: Relatórios GEM (2016; 2017; 2018) e resultados da Pesquisa de Campo de Autoria Própria (2018)

Em relação à faixa etária predominante dos egressos dos cursos técnicos modulares, a pesquisa evidencia a importância dos cursos técnicos na concomitância ou continuidade dos estudos com foco no preparo profissional para o mercado de trabalho nas faixas-etárias relevantes e frequentes, principalmente, nos cursos técnicos modulares do período noturno da escola.

Considerando os aspectos relevantes quanto a influência dos cursos técnicos modulares presenciais, objeto deste estudo, tem-se que 83% dos respondentes que exerciam profissões autônomas, consideraram que o curso técnico influenciou na escolha de sua atividade profissional, pois apresentou informações básicas e precisas para sua área de atuação, bem como atividades experienciais e práticas necessárias ao desenvolvimento da área pretendida. e o trabalho exercido.

A pesquisa de campo apontou a variedade de profissões e cargos exercidos pelos egressos dos cursos técnicos modulares presenciais, tais como: Assistente ou Auxiliar Administrativo (23%), Analista ou Organizador de Eventos (11%), (9%) aponta as funções de: atendente, recepcionista ou secretária, e na sequência foram citadas também: Auditor ou Contador (8%), Estagiário nas áreas de Finanças, Administração, Jurídico ou Recursos Humanos (7%) e Vendedor ou Representante Comercial (7%), entre outras funções (5%) para as atividades não especificadas pelos respondentes. No que concerne ao tempo de trabalho, 85% dos respondentes atuavam em empresas ou negócios próprios por até 5 anos.

A análise dos motivos apontados pelos respondentes na escolha pelo curso técnico presencial concluído na escola técnica, evidenciou que 25% possuíam intenção em abrir seu próprio negócio ou continuar na atividade autônoma ou familiar. Essas posturas autônomas reforçam a importância da Educação Profissional como estratégia dos participantes adquirirem competências demandadas pelo mercado de trabalho; 21% dos egressos citaram a vontade de trabalhar numa grande empresa; 18% demonstraram interesse em seguir carreira no ramo acadêmico e 17% mostraram-se motivados pela busca de conhecimentos acerca do seu negócio. Dados sobre ocupação profissional foram também revelados pela Agência IBGE de Notícias (2018) com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) e afirmam que o ano de 2017 foi crítico para o mercado de trabalho no país, apresentando a taxa média de 12,7%, de desemprego.

O resultado da pesquisa quantiqualitativa, associado à elevada taxa de desemprego no Brasil de 12,7% em 2017 e de 13,1% no primeiro trimestre de 2018, conforme IBGE (2018), evidencia as respostas mais citadas nesta pesquisa, tais como: o desconhecimento na área de atuação (15%), insegurança financeira (23%) e a falta de interesses em temas tratados nos cursos técnicos modulares (12%), o que sinaliza a possibilidade de desenvolver competências empreendedoras nos egressos dos cursos técnicos modulares, objetivando a orientação e direcionamento quanto a definição profissional.

Em relação a Percepção empreendedora dos respondentes da pesquisa, tem-se que 48% se auto percebiam como empreendedores ou muito empreendedores. Em contrapartida, evidenciou-se que 52% dos respondentes se auto percebiam como pouco empreendedores, o que sinaliza a perspectiva da educação profissional no processo de construção do conceito de empreendedorismo e das competências profissionais necessárias no mercado de trabalho, essencialmente abordadas no PARECER CNE/CEB 11/2008 com a proposta do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio, e atualizadas pela RESOLUÇÃO CNE/CEB nº6 de 2012 que apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Constatou-se a partir da pesquisa com os egressos dos cursos técnicos modulares presenciais que as principais características dos 48% respondentes que se consideraram empreendedores ou muito empreendedores, se auto perceberam independentes e determinados no alcance dos seus sonhos (37%) e se auto perceberam motivados em desenvolver a carreira (25%), compreendendo a importância de se qualificarem continuamente. Entretanto, 23% se auto perceberam indecisos na escolha da profissão e 15% se consideraram ambiciosos ao expor suas ideias na prática. Os resultados sinalizaram que os egressos da escola técnica pesquisada que se auto perceberam como empreendedores, demonstraram motivação frente ao empreendedorismo, adotando no seu ambiente profissional as competências empreendedoras apreendidas nos cursos técnicos modulares.

Tendo em vista os motivos, dos 52% dos respondentes que se auto perceberam pouco empreendedores, 45% deles citaram: o desconhecimento da área (15%); questões ou problemas pessoais (15%); e, outros motivos (15%).

No que concerne aos fatores que geram disposição ao trabalho, tem-se que: 55% dos respondentes citaram as alternativas que incluem: recompensas financeiras, aprendizado constante, crescimento profissional, independência e autonomia em empreender, como os principais aspectos de motivação ao trabalho. Sendo entre estes, os motivos mais citados: 23% (aprendizado constante e crescimento profissional); 12% (recompensas financeiras); e, 10% (independência em realizar um sonho e empreender uma ideia). Conseqüentemente, a necessidade de conhecimento relacionado às suas áreas de atuação tende a ser fator relevante, reforçando o papel e a oferta de educação profissional de nível médio ao promover programas e cursos constantes de qualificação profissional em seus egressos. (RESOLUÇÃO CNE/CEB nº6, 2012; art:7º). O resultado sinaliza sobre a adequação

necessária em âmbito educacional por políticas e estratégias frente à atual estrutura e organização do trabalho.

Ao serem indagados quanto à atualização frente às novas tecnologias de informação (TIC) e comunicação e atualização profissional: 62% dos respondentes estiveram favoráveis à qualificação e atualização profissional; 22% citaram ter sido um pré-requisito a ser seguido; 12% relataram que dependiam do momento o interesse pela qualificação profissional; e, 4% não se sentiam motivados para se atualizarem. O resultado apontou que 84% dos egressos respondentes apresentaram a pré-disposição à qualificação profissional, destacando a motivação constante pela busca de informações sobre cursos, programas e especializações educacionais e profissionais.

Os dados obtidos salientaram a influência do curso técnico modular presencial na profissão exercida, ou seja, a busca por qualificação para o perfil empreendedor. Com 60%, os respondentes egressos da escola pesquisada consideraram a influência do curso em suas qualificações enquanto empreendedores, destacando as disciplinas e conteúdos sobre empreendedorismo relacionados à área profissional escolhida, dados esses que convergem aos conceitos sobre educação abordados no Relatório da UNESCO (1999;2012). Tem-se a posição de Fleury e Fleury (2012), os quais tratam do processo de aprendizagem e inovação com suas principais práticas e mecanismos, visando o processo de capacitação empreendedora e tecnológica exigido pelo mercado de trabalho. Os resultados apontaram que 34% dos egressos perceberam pouca influência dos cursos técnicos modulares frente ao empreendedorismo, e de forma geral quanto à área profissional ou disciplinas empreendedoras; e, 6% sinalizaram não ter percebido nenhuma influência dos cursos técnicos modulares no desenvolvimento de sua disposição ou prática empreendedora.

Os resultados possibilitaram identificar o comportamento do egresso da escola técnica diante das competências empreendedoras necessárias aos desafios diários demandados pelo mercado de trabalho. Frente aos desafios, 45% dos respondentes citaram que estabeleceram a visão ampla e estratégica do negócio no qual atuavam; 35% analisaram riscos; 17% focaram diretamente em inovação; e, 3% afirmaram ter atuado de maneira intuitiva. Tais resultados indicaram que a formação curricular dos cursos técnicos conforme a RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 6 de 2012, vai ao encontro dos conceitos de estratégia que necessitam ser ensinados nas escolas e das competências essenciais salientadas por Hamel e Prahalad (1990;1995) em treinamento em empreendedorismo nos três conjuntos propostos por Cooley (1990): Realização, Planejamento e Poder, e as dez competências empreendedoras reestruturadas por Lenzi (2008) e adaptadas pelos autores deste artigo (Quadro 1).

Os respondentes da pesquisa de campo (80%), se mostraram seguros na tomada de decisão e 18% às vezes, ou seja, com receios quanto à tomada de decisões. Este resultado destacou que os respondentes egressos possuíam a competência empreendedora no que concerne a segurança e assertividade de seus conhecimentos técnicos, no desempenho profissional ressaltadas por Lenzi (2008); sobre as competências em correr riscos calculados (conjunto de realização), e independência e autoconfiança (conjunto de poder). Do exposto,

pode – se supor que os respondentes egressos tendem a apresentar postura segura diante das condições do mercado de trabalho atual.

Os resultados auferidos evidenciaram que: 59% se auto perceberam eficientes ao realizar uma tarefa; 24% em realizarem de forma eficaz o que é necessário para alcançar objetivos propostos; e, 17% em compreenderem a efetividade como melhor alternativa para produzir resultados. Tais resultados convergem aos conceitos sobre as competências do conjunto de realização sinalizadas por Lenzi (2008): Exigência de Qualidade e Eficiência nos processos (EQE), Persistência (PER)) e Comprometimento (COM), assim como as competências do conjunto de planejamento: Planejamento e Monitoramento Sistemático (PMS) em executar tarefas com prazos definidos e claros com tomada de decisão.

No questionamento aos sujeitos da pesquisa quanto a presença de relacionamento interpessoal na instituição de ensino, durante o curso técnico modular presencial: 43% elucidaram a concordância plena; 26% a concordância parcial; e, 27% o nível moderado de concordância. Notou-se por esse resultado que as boas práticas integradas ao tema empreendedorismo e as metodologias aplicadas nas atividades, projetos e trabalhos em equipe fortaleceram o desenvolvimento da competência de relacionamento interpessoal que foi apontada por Lenzi (2008) no conjunto de planejamento no item Persuasão e Rede de Contatos (PRC), estabelecida tanto no ambiente escolar como no mercado de trabalho.

O incentivo às práticas e atividades empreendedoras apresentou resultados quanto aos principais influenciadores durante o curso técnico modular presencial, sinalizado pelos egressos, sendo eles: Professores motivados, envolvidos com pesquisa e disponíveis para orientação (36%); Projetos que envolviam conteúdos e informações pertinentes à área profissional e práticas empreendedoras (28%); Visitas técnicas e atividades acadêmicas relacionadas às práticas profissionais e empreendedoras (25%); Convívio com alunos e ex-alunos motivaram experiências positivas (6%); e, o local acadêmico (unidade escolar) apropriado e motivador no fomento profissional e no desenvolvimento de novas ideias (5%). Constatou-se a importância da figura do professor no processo motivacional em função das práticas e atividades adotadas sob a ótica das competências empreendedoras, a partir de: visitas monitoradas, aulas externas, visitas técnicas, as quais envolvem o deslocamento da turma além do ambiente escolar, refletindo a busca pelo conhecimento não somente na sala de aula, mas inclusive fora da unidade escolar. Corroborando, tem-se a posição de Schwab (2016) ao sinalizar que este processo é decorrente da ruptura dos modelos políticos, econômicos e sociais tradicionais, pois requerem formas colaborativas de interação no desempenho das competências empreendedoras para que se possa prosperar a partir da Quarta revolução industrial.

Quanto à postura no ambiente de trabalho e o aflorar das competências empreendedoras evidenciou-se que 69% dos egressos respondentes afirmaram ter sido pioneiros ou parcialmente pioneiros em tomar decisões em alguns momentos dos seus afazeres no trabalho; 27% citaram que na maioria das vezes, desenvolveram atividades mediante solicitações; e, 4% citaram que somente executaram solicitações sem nenhuma autonomia de

decisão. O percentual de egressos que se auto intitularam pioneiros ou parcialmente pioneiros (69%) reflete a competência no estabelecimento de metas, independente do que é imposto pela empresa na qual trabalham (Lenzi, 2008).

Em relação à tomada de decisões, 72% dos respondentes consideraram possuírem disposição para as tomadas de decisões no ambiente de trabalho; 25% se auto perceberam pré-dispostos; e, 3% demonstraram irrelevância em suas ações ou em situações de tomadas de decisão. Este resultado caracterizou os respondentes egressos dos cursos técnicos modulares presenciais da escola técnica pesquisada, com tendência à postura empreendedora no desenvolvimento de suas competências profissionais em específico às dos conjuntos de realização, ou seja: a Busca de oportunidades e iniciativas (BOI) e, no conjunto de planejamento: Busca de informações (BDI) propostas por Lenzi (2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As competências empreendedoras destacadas por Lenzi (2008) foram associadas às análises dos especialistas dos relatórios GEM (2016; 2017; 2018) e comparadas no Quadro 1, apresentando os resultados deste estudo. Foram identificadas semelhanças entre os estudos ao apontar aspectos positivos quanto às práticas e características empreendedoras brasileiras, como por exemplo: a Busca por oportunidades e iniciativas (BOI), Busca por informações (BDI) e os aspectos citados pelo relatório: Criatividade e Resiliência. Entretanto, outros aspectos do comportamento empreendedor ainda necessitam ser revistos e aprofundados no Brasil, tais como: a capacidade de Correr Riscos calculados diretamente associada à formação acadêmica empreendedora, assim como, o Estabelecimento de Metas de acordo com o conhecimento necessário aos modelos de negócios pretendidos.

Em geral, os relatórios GEM (2016; 2017; 2018) retrataram que os brasileiros são favoráveis à atividade empreendedora e possuem uma visão positiva a respeito dos indivíduos envolvidos com negócios próprios, também entendidos e definidos por Schumpeter (1934;1997), Drucker (2005), López-Ruiz (2007) e citados por Dornelas (2008), como empreendedores de novas ideias quanto aos negócios, em negócios já existentes, ou empresários do ponto de vista dos que detém o capital.

Os especialistas dos relatórios GEM (2016; 2017; 2018) apontaram que Educação e Capacitação, bem como Apoio Financeiro, ainda são as condições encaradas pelos empresários como limitantes à atividade empreendedora brasileira. Neste sentido, as áreas de intervenção para melhoria dessas condições formam o principal tripé: Políticas Governamentais e Programas. Educação e Capacitação e Apoio Financeiro.

Portanto, para que o Brasil possa ampliar suas práticas empreendedoras a partir das análises dos especialistas do GEM (2016; 2017; 2018), se faz necessário esclarecimentos sobre tais práticas. A Burocracia nos processos organizacionais é ainda um grande entrave para o

empreendedorismo, assim como a limitação em investimentos ao acesso tecnológico, formação e capacitação de mão de obra, programas de orientação para abrir e, principalmente, manter um negócio, dificultando a ascensão do país em seu posicionamento competitivo mundial.

A inserção de competências empreendedoras a partir da Educação Profissional, gradativamente, vem apresentando resultados positivos nos diversos cursos técnicos, mostrando-se essencial neste processo de transformação e de desenvolvimento socioeconômico, num momento econômico instável, que demanda por empreendedores que busquem ideias inovadoras e geradoras de oportunidades.

A pesquisa de campo de autoria própria (2018), possibilitou compreender o papel da Educação Profissional como meio fundamental no acesso e desenvolvimento de competências empreendedoras nos alunos, tais como: tomada de decisão, correr riscos calculados, busca por atualização constante, efetividade em ações que promovam resultados, relacionamento interpessoal, segurança no que conhece e sabe fazer (habilidade), entre outras competências apontadas destacadas neste estudo.

Constatou-se também, que recursos tecnológicos e financeiros disponíveis na unidade escolar pesquisada e no fomento ao empreendedorismo são relevantes. Por outro lado, a motivação dos professores ao promoverem atividades, projetos, visitas técnicas, entre outros métodos de ensino, relacionados à temática do empreendedorismo, inovação e a área de concentração do curso técnico, se destacam ao desenvolvimento de habilidades e competências empreendedoras, demandadas pelo mercado de trabalho e determinadas por atuação empreendedora.

Analisando a influência do curso técnico modular presencial no comportamento empreendedor, os sujeitos da pesquisa, escolheram mais de um fator de influência do curso técnico modular no comportamento empreendedor. Sendo 89% os fatores de maior influência: visitas técnicas, participação em feiras e eventos a respeito do assunto empreendedorismo, bem como: acesso aos conteúdos e disciplinas relacionadas ao empreendedorismo e inovação e outras atividades diversas relacionadas ao tema. Tem-se que 19% citaram o atendimento ou orientação sobre empreendedorismo disponível na instituição, principalmente as informações orientadas pelos professores; 18% referiram-se ao núcleo de serviços e suportes às ideias inovadoras na unidade escolar, o qual estabeleceu esse serviço no período de 2015-2017, com a oferta de desafios e oficinas no fomento de ideias a negócios e empreendedorismo aos seus alunos e professores.

Apesar da posição dos egressos (60%) sinalizar influência dos cursos técnicos modulares presenciais escolhidos em suas profissões, tem-se que 40% dos respondentes perceberam restrita influência destes nas respectivas profissões, ressaltando a necessidade da instituição acadêmica se apropriar das exigências profissionais oriundas do novo mercado de trabalho acerca das competências empreendedoras e investir em práticas e mecanismos didáticos metodológicos que promovam a aprendizagem, a fim de ampliar a incorporação

de conhecimentos teóricos e práticos nos egressos quanto ao empreendedorismo.

As competências empreendedoras presentes nos cursos técnicos modulares da escola técnica pesquisada se apresentam atualmente como alternativa ofertada nessa instituição, no processo de transformação e de desenvolvimento socioeconômico dos egressos de cursos técnicos modulares.

Neste sentido tem-se que o perfil dos empreendedores brasileiros apontados pelos especialistas dos relatórios GEM (2016; 2017; 2018), atestam que investir em educação empreendedora, com professores preparados para empreenderem o desenvolvimento das dez competências sinalizadas por Lenzi (2008) e suas habilidades necessárias aos indivíduos empreendedores, não compreende simplesmente ensinar ou oferecer uma disciplina de empreendedorismo no curso de qualificação profissional, mas promover o desenvolvimento de atitudes e comportamentos empreendedores (conhecimento e prática), independente da área de atuação do aluno, podendo este pertencer ao curso de Administração, Marketing, Contabilidade, mas também, nos cursos de: Nutrição, Eventos, Eletrônica, entre outras áreas do ensino técnico que estejam voltados para a interface empresa – escola, minimizando as incertezas dos alunos em praticarem suas competências e habilidades em um contexto de trabalho e não apenas em atuação acadêmica.

Portanto, o estudo viabilizou a compreensão do processo de empreendedorismo presentes nos cursos técnicos modulares presenciais em uma escola técnica pública da cidade de São Paulo. Todavia, estudos posteriores poderão ampliar o escopo deste artigo e trazer à tona outros fatores envolvidos no tocante à qualificação, capacitação e desenvolvimento de competências empreendedoras de jovens - estudantes de cursos técnicos modulares.

REFERÊNCIAS

COOLEY, L. **Entrepreneurship Training and the Strengthening of Entrepreneurial Performance**. Final Report. Washington: USAID, 1990.

DIEHL, Astor. TATIM, Denise. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo. Pearson Prentice Hall, 2004.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo. Transformando ideias em negócios**. 7ª ed. São Paulo. Empreende. 2018.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e Espírito Empreendedor: Prática e Princípios**. Peter F. Drucker; tradução de Carlos Malferrari – São Paulo: Cengage Learning, 2014.

FDC. Fundação Dom Cabral: **Relatório sobre o FEM: Brasil chega à sua pior posição competitiva em 20 anos, 2016**. Disponível em: http://www.fdc.org.br/professorespesquisa/nucleos/Documents/inovacao/Competitividade/Relat%C3%B3rio_Ranking_Competitividade_WEF_FDC_2016.pdf – Acesso em 04/2019.

FLEURY, Afonso Carlos Corrêa; FLEURY, Maria Tereza Leme. **Aprendizagem e inovação organizacional: as experiências de Japão, Coreia e Brasil.** 2ª ed. – 12. Reimpr, - São Paulo; Atlas, 2012.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo 2016.** Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>. – Acesso: 03/2019.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo 2018.** Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/44571/1551466386GEM_2018.pdf - Acesso em 04/2019

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Relatório Especial: O empreendedorismo e o Mercado de Trabalho - SEBRAE, 2017.** Disponível em: https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/relatorio-especial-o-empreendedorismo-e-o-mercado-de-trabalhodetalhe52,5cdfda0e84ebe510VgnVCM1000004c00210aRCRD – Acesso: 02/2019.

HAMEL, G e PRAHALAD, CK. **Competindo pelo futuro: Estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã.** Harvard Business School Press. Ed. Campus; Rio de Janeiro; 1995.

HAMEL, G e PRAHALAD, CK. **The core competence of the corporation. Harvard Business Review, v. 68, n.3, Maio – Junho, 1990.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-2df&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192 – Acesso: 04/2019.

IBGE. Agência IBGE de notícias. 2018. Desemprego recua em dezembro, mas taxa média do ano é a maior desde 2012. Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19759-desemprego-recua-em-dezembro-mas-taxa-media-do-ano-e-a-maior-desde-2012.html> - Acesso: em 01/2019.

LEI 10.973/04 – **Lei da Inovação que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2004/lei-10973-2-dezembro-2004-534975-publicacaooriginal-21531-pl.html> - Acesso: 03/ 2019.

LENZI, F. C. **Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras.** Tese de doutorado da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/.../12/.../tese_fernando_lenzi_usp.pdf- Acesso:05//2019.

LÓPEZ RUIZ, Osvaldo Javier. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: Capital Humano e empreendedorismo como valores sociais.** Apresentação por Laynet Garcia dos Santos – FAPESP. Azougue editorial, 2007.

PARECER CNE/CEB Nº: 11/2008: **Proposta de instituição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/pceb011_08.pdf - Acesso: 04/2019.

REDESIMPLES. **Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios (Redesim)**. Disponível em: <http://www.redesimples.gov.br/> - Acesso: 01/2019.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 6, de 20 de setembro de 2012 - Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica: **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Disponível em:

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Editora Nova Cultural Ltda. Copyright © desta edição 1997. Tradução feita a partir do texto em língua inglesa, intitulado *The Theory of Economic Development*, 1934. Disponível em: [http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-_Teoria do Desenvolvimento Econ%C3%B4mico - Uma Investiga%C3%A7%C3%A3o sobre Lucros Capital Cr%C3%A9dito Juro e Ciclo Econ%C3%B4mico.pdf](http://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2009/06/s_Schumpeter_-_Teoria_do_Development_Econ%C3%B4mico_-_Uma_Investigacao_sobre_Lucros_Capital_Credito_Juro_e_Ciclo_Economico.pdf) - Acesso: 03/2019.

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução Daniel Moreira Miranda, São Paulo. Edipro, 2016.

SEBRAE.

UNESCO. “Educação um tesouro a descobrir” – **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Escrito por DELORS, Jacques; et.al. Tradução José Carlos Eufrázio, 7ªed. Revisada – São Paulo – Cortez: Brasília, DF; UNESCO – 2012.

WEM/FEM. Fórum Econômico Mundial. **Relatórios sobre o encontro anual 2016 – 2017- Insight Report**. Disponível em: <http://ois.sebrae.com.br/publicacoes/relatorio-de-competitividade-global-2016-2017/> - Acesso: 04/2019.

WEM/FEM. **Relatórios sobre o encontro anual 2018-2019** - Fonte: <https://www.weforum.org/agenda/2019/04/skills-jobs-investing-in-people-inclusive-growth/> - Acesso: 04/2019.